

Pesquisas em História da Educação com o livro didático: questões sobre fontes, temas e métodos

Research in the History of Education using textbooks:
issues about sources, subjects and methods

Kênia Hilda MOREIRA¹

Resumo

O objetivo do texto é apresentar um balanço das pesquisas em História da Educação que tiveram como objeto de análise o livro didático. Como fonte de busca são utilizadas as bibliografias apresentadas pelos projetos Livros Escolares e Manuais Escolares, o Banco de Teses da Capes e Anais de congressos e revistas de história da educação. O balanço está dividido em uma análise quanti e qualitativa. Na parte quantitativa destaca-se número de trabalhos, período, recorrência de autores, instituições de pesquisa, etc. Na parte qualitativa centra-se na análise do conteúdo das investigações, enfatizando os temas emergentes, os métodos, os referenciais teóricos e a temporalidade.

Palavras-chave: Pesquisas. História da Educação. Livro didático.

Abstract:

This article presents a mapping about research in the History of Education that used textbooks as a source. It used bibliographies submitted by the projects Livros Escolares and Manuais Escolares, the Capes Theses Bank, journals and conventions in Education History as sources. It divides the mapping into a quantitative and qualitative analysis. In the quantitative part it emphasize: number of productions, period, recurrence of authors, institutions, etc. In the qualitative part the focus was on content analysis of the investigations, with emphasis on emerging issues, methods, reference and temporality.

Keywords: Investigations. History of Education. Textbooks.

1 Doutora em Educação, professora no Programa de Pós-Graduação em Educação e na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados. Vice-líder do grupo de estudos e pesquisa História da Educação, Memória e Sociedade (GEPHEMES). Rodovia Dourados/Itahum, Km 12. Unidade II. MS. Cep: 79.804-970. Tel.: (67) 2410-2121. Email: <keniamoreira@ufgd.edu.br>.

O livro didático tornou-se, nos últimos anos, fonte relevante e objeto de estudos para a história da educação. Com base nessa afirmação, o objetivo do texto é apresentar um balanço das pesquisas nessa área, produzidas no Brasil, que tiveram o livro didático como ponto de junção. As produções referem-se a livros, artigos, periódicos e comunicações em congressos acadêmicos da área de história da educação. A primeira ocorrência é de 1957 e o ano final do balanço é 2014. O presente artigo justifica-se, como afirmam Gonçalves Neto e Carvalho (2005, p. 183), pela necessidade de composição de “[...] sínteses para a História da Educação no Brasil [...]”, tendo em vista seu crescimento. Tais sínteses permitem a compreensão do estado atingido pelo conhecimento na área, na medida em que também evidenciam silêncios e apagamentos da produção.

Como critério de seleção de pesquisas no âmbito da história da educação, consideramos: as investigações que se dedicaram a fazer um recorte temporal; as que apresentaram o livro didático como documento histórico; as que foram publicadas em suportes dedicados à história da educação, como anais e revistas da área.

Os procedimentos de localização, seleção e acesso às produções serão descritos no primeiro tópico, intitulado: *Livro didático como fonte das pesquisas em História da Educação*. Nele, detalhamos o total de pesquisas localizadas, separadas por categorias: livros, capítulos, artigos e comunicações em anais, cientes de que nem todos os trabalhos foram atingidos pelos critérios aqui adotados. Cientes também, como lembra Munakata (apud MOREIRA; SILVA, 2011, p. 14), de que toda proposta de mapeamento/balanço/estado da arte “[...] está sempre condenado à desatualização”.

O segundo tópico – *Temas em torno do livro didático como fonte das pesquisas* – apresenta as temáticas mais recorrentes nas produções em história da educação, considerando as possibilidades de usos e definições do livro didático no contexto escolar.

O terceiro tópico – *Referencial teórico metodológico em torno do livro didático como fonte das pesquisas* – evidencia dois referenciais mais usados nas investigações que apresentam o livro didático como fonte, a saber, a História das Disciplinas Escolares e a História do Livro. Também é apresentada nesse tópico a recorrência temporal da publicação das produções, bem como o período histórico mais investigado por elas.

Livro didático como fonte das pesquisas em história da educação

Consideramos como descritores de busca para este levantamento os termos *livro didático*, *manual escolar*, *livro de texto*, *compêndio*, *livro escolar*, *livro de classe* e similares, nos títulos das obras. Não consideramos os paradidáticos por tratar-se de outro tipo de objeto².

A variação em torno da definição do termo que melhor define o objeto em questão é a primeira dificuldade. No Brasil, o termo livro didático é mais comum, ao passo que na Espanha³, por exemplo, usa-se o termo manual escolar. No entanto, parece comum nas pesquisas brasileiras encontrarmos outras definições, tais como: manual escolar, livro de texto, livro de classe, compêndio, manual didático, dentre outras, apresentadas muitas vezes como sinônimas, com o intuito de evitar repetição.

Ossenbach e Somoza (2001) explicam que, na área ibero-americana de língua espanhola (ou castelhana), se usam principalmente três substantivos para indicar o nível mais geral e abrangente “[...] livros, textos e manuais [...]”, seguidos, ou não, do adjetivo *escolar*, formando, assim, livros escolares, livros de texto, textos escolares, manuais ou manuais escolares. Já em língua portuguesa, afirmam os autores, costuma se utilizar livros didáticos, textos didáticos, manuais escolares, livros para crianças, etc. (OSSENBACH; SOMOZA, 2001, p. 15-16). Munakata (2001) enfatiza que no Brasil esse tipo de literatura se denomina livro didático.

Puelles (1997, p. 19) afirma que, na Espanha, apesar de se usar indistintamente os termos livros elementares, livros escolares, manuais escolares, livros de texto, etc., ele prefere *manuais escolares* porque faz referência “[...] a livros manejáveis – a escala da mão –, que se destinam ao ensino – escolares, portanto – e que albergam os conteúdos essenciais de uma matéria ou disciplina.”

Stray (1991 apud JOHNSEN, 1996) distingue, por sua vez, livros de texto (*textbooks*) e livros escolares (*school books*), afirmando que o primeiro termo refere-se a livros escritos, produzidos e desenvolvidos especificamente para uso no ensino, ao passo que o segundo se utilizaria para livros empregados no ensino, mas não intimamente ligados às sequências pedagógicas.

2 Os livros paradidáticos, em geral, abordam assuntos paralelos às matérias do currículo regular, de forma a complementar aos livros didáticos. Muitas vezes utilizados para discutir temas transversais. Sobre paradidáticos, conferir Munakata (1997).

3 A comparação com a Espanha se fez possível em virtude da aproximação com a produção do país, durante o doutoramento (Universidad de Salamanca, 2009-2010), e o pós-doutoramento (Universidad Nacional de Educación a Distancia-UNED e Grupo Manuales Escolares-MANES, 2014-2015).

A nomenclatura sobre a legislação brasileira em torno desse objeto, com a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD, Decreto 1.006), criada no Estado Novo, em 1938; a Comissão do Livro Técnico e do Livro Didático (COLTED), de 1966, e o Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental (PLIDEF), de 1971, ambos instituídos durante a ditadura militar; e o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), de 1985, instituindo o Guia de Livros Didáticos a partir de 1996, dão a medida dessa predominância.

As referidas leis, além de evidenciarem o predomínio da terminologia livro didático no caso brasileiro, indicam a regulação pela qual passou esse objeto da cultura escolar ao longo do século XX até hoje, influenciando o mercado editorial, com a avaliação e a aquisição⁴ por parte do governo, gerando uma intrínseca relação entre avaliadores, editores e autores de livros didáticos, como constataam Cassiano (2007), Luca (2009), Filgueiras (2011) e Oliveira e Freitas (2013). Nesse sentido, Apple (1995) afirma que o livro didático é um produto do mercado, sendo necessário considerar seu caráter comercial (produção, distribuição, consumo, difusão) para melhor compreender sua função como instrumento pedagógico.

Localizamos, selecionamos e analisamos a produção acadêmica aqui apresentada, considerando essas variações no léxico, e compreendendo o livro didático como um objeto da cultura escolar, que implica relações intra e extraescolares.

Quanto aos critérios de seleção de pesquisas no âmbito da história da educação, consideramos como fonte de busca: a bibliografia apresentada pelo projeto Livros Escolares (LIVRES⁵); a bibliografia sobre livros didáticos no Brasil do projeto Manuais Escolares (MANES⁶); quatro revistas de História da Educação: a Revista *História da Educação* (1997-2014⁷), a *Revista Brasileira de História da Educação* (2001-2014⁸), a Revista *Cadernos de História da Educação*

4 A avaliação dos livros didáticos por parte do governo acontece desde a CNLD. A avaliação e a aquisição se fortalecem a partir de 1996, via PNLD e Guia de livros didáticos.

5 Disponível em: <<http://paje.fe.usp.br/estrutura/livres/>>. Acesso em: 12 nov. 2012. A versão atual do site retirou o item sobre as referências bibliográficas para o tema livro didático.

6 Disponível em: <<http://www.uned.es/manesvirtual/ProyectoManes/Bibliografia/BiblioBrasil.doc>>. Acesso em: 12 nov. 2013. A última atualização dessa fonte é de setembro de 2010.

7 A revista começou sua publicação em 1997, com circulação semestral, passando a trimestral em 2007. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/index>>. Acesso em: 21 mar. 2015.

8 Com publicação semestral até 2006, passando a trimestral em 2007, coordenada pela Sociedade Brasileira de História da Educação. Disponível em: <<http://www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe>>. Acesso em: 21 mar. 2015.

(2002-2014⁹), e a Revista HISTEDBR (2000/2009-2014¹⁰); além dos anais dos congressos específicos da área de História da Educação, a saber: Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE¹¹), Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação (COLUBHE¹²), e Congresso Ibero-Americano de História da Educação Latino Americana (CIHELA¹³)^{14, 15}.

A partir dessa busca, localizamos 43 livros; 25 capítulos de livros; 122 artigos; e 268 comunicações em Anais de congressos acadêmicos da área de história da educação.

Consideramos todos os congressos brasileiros de história da educação, pela facilidade de localização, uma vez que estão disponíveis on-line¹⁶. Sobre o CIHELA, apreciamos os três últimos, que ocorreram no Rio de Janeiro (2009), em Salamanca-Espanha (2012) e em Toluca-México (2014). Sobre o COLUBHE, consideramos as duas últimas versões ocorridas em Lisboa-Portugal, em 2012, e em Curitiba, no ano de 2014.

9 Criada em 2002, com periodicidade anual, passando a semestral em 2009. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/che/>>. Acesso em: 12 nov. 2012.

10 HISTEDBR On-line é a Revista do Grupo de Estudos e Pesquisas *História, Sociedade e Educação no Brasil* (HISTEDBR), criada em setembro de 2000. No entanto, as publicações on-line disponíveis começam em 2009, com circulação quadrimestral, além de edições especiais. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr>>. Acesso em: 21 mar. 2015.

11 Foram realizados sete cbhe até 2014: I no Rio de Janeiro-RJ (2000), II em Natal-RN (2002), III em Curitiba-PR (2014), IV em Goiânia-GO (2006), V em Aracaju-SE (2008), VI em Vitória-ES (2011) e VII em Cuiabá-MT (2013).

12 O X colubhe aconteceu no Paraná em agosto de 2014. Os anteriores aconteceram em: Lisboa (1996), São Paulo (1998), Coimbra (2000), Porto Alegre (2002), Évora (2004), Uberlândia (2006), Porto (2008), Maranhão (2010) e Lisboa (2012).

13 O XI cihela foi realizado em maio de 2014 no México, os anteriores aconteceram na Colômbia (1992), Brasil (1994), Venezuela (1996), Chile (1998), Costa Rica (2001), México (2003), Equador (2005), Argentina (2006), Brasil (2009) e Espanha (2012).

14 Além dos congressos específicos de história da educação, ressaltamos existirem eventos específicos sobre livro didático, como: o Simpósio Internacional de Livro Didático, realizado na Universidade de São Paulo, em 2007, com 211 artigos publicados em seus Anais; os dois Seminários Brasileiros sobre Livro e História Editorial, realizados na Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, em 2004 e 2009; e o Simpósio sobre o livro didático – Memória, publicado pela Fundação Brasileira para o Desenvolvimento do Ensino de Ciências, em 1983. Tais eventos não serão aqui considerados tendo em vista a produção específica na área da história da educação.

15 Retiramos dos sites de busca o banco de teses da Capes, pois ele esteve por vários meses desativado, impedindo a consulta. Um mapeamento dessa produção, que inclui o referido site, pode ser localizado em Moreira (2012).

16 Disponível em: <<http://sbhe.org.br/modules/publisher/item.php?itemid=99>>. Acesso em: 10 nov. 2013.

A seguir, destacamos alguns dados quantitativos, separados por materialidade de produção:

Livros

Dentre os 43 livros localizados, nem todos apresentam uma história do livro didático. Fazendo uma análise desse total, apenas oito têm como objetivo analisar o livro didático numa perspectiva histórica¹⁷. Destacamos que, dentre as oito obras, três são resultantes de teses de doutorado (BITTENCOURT, 2008; GATTI JR, 2004; GASPARELLO, 2004) e uma de dissertação de mestrado (MOREIRA; SILVA, 2011). Uma se refere a um catálogo de livros didáticos do século XIX (TAMBARA, 2003)¹⁸, e outra, a um balanço da produção acadêmica (teses e dissertações) no Brasil sobre o livro didático de história (MOREIRA; SILVA, 2011). Com exceção do trabalho de Holanda (1957), os demais foram publicados no século XXI, entre 2004 e 2011, o que evidencia a atualidade da temática.

Algumas obras localizadas, apesar de não terem a intenção de apresentar uma discussão histórica do ou com o livro didático, podem ser analisadas, hoje, como fonte de pesquisa sobre a história da produção em torno do livro didático no Brasil¹⁹. São obras publicadas entre as décadas de 1970 e 1980. De modo geral, apresentam um referencial teórico-analítico de nítida

17 São eles: *Um quarto de século de programas e compêndios de História para o ensino secundário brasileiro* (1931-1956), de Holanda (1957); *Livros escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil* (séculos XIX-XX), de Tambara e Peres (Org.). (2003); e *Bosquejo de um ostensor do repertório de textos escolares utilizados no ensino primário e secundário no século XIX no Brasil*, de Tambara (2003); *O texto escolar: uma história*, de Batista (2004); *Construtores de identidades: a pedagogia da nação nos livros didáticos da escola secundária brasileira*, de Gasparello (2004); *A escrita escolar da história: livro didático e ensino no Brasil (1970-1990)*, de Gatti Jr. (2004); *Livro didático e saber escolar: 1810-1910*, de Bittencourt (2008); *Um inventário: o livro didático de história em pesquisas (1980 a 2005)*, de Moreira e Silva (2011).

18 Além deste, outro trabalho que também apresenta um catálogo de livros didático é a obra produzida pela Unicamp (1989): *O que sabemos sobre o livro didático?* Catálogo analítico. Campinas: Ed. da Unicamp.

19 Por exemplo, as obras: *O livro didático, sua utilização em classe* (COLTED, 1969); *As belas mentiras: a ideologia subjacente aos textos didáticos* (NOSELLA, 1978); *O livro na educação* (PFROMM NETO, 1974); *Ideologia no Livro Didático* (FARIA, 1984); *Arte-educação, vivência, experiência ou livro didático* (FERRAZ, 1987); *O Livro Didático de História no Brasil: a versão fabricada* (FRANCO, 1982); *O estado da arte do livro didático no Brasil* (FREITAG; COSTA; MOTTA, 1987); *Como avaliar um livro didático*. Língua Portuguesa (MATOS; CARVALHO, 1984); *O livro didático* (OLIVEIRA, 1968); *A política do livro didático* (OLIVEIRA, 1984); *A ciência nos livros didáticos* (PRETTO, 1985); *Estado e livro didático* (PINSKY, 1985); e, ainda, *Quem engana quem: professor x livro didático* (MOLINA, 1987).

influência marxista, caracterizando-se por uma tendência de denúncia da ideologia dominante presente nos livros didáticos, como afirmam Moreira e Silva (2011).

Capítulos de livros

Dentre os 25 capítulos de livros localizados, não considerando os capítulos nos livros antes mencionados, destacamos dez que versam, de um modo ou de outro, sobre a história do livro didático²⁰. O capítulo mais antigo data de 1998 e o mais recente de 2011, demonstrando a atualidade dessa discussão. Destacamos a recorrência da autoria de Munakata (1998, 2000, 2002, 2009), o que indica um fortalecimento do tema a partir da existência de autores que podem ser tomados como referência na área. Salientamos, ainda, que um dos capítulos foi produzido por pesquisadoras portuguesas (FERNANDES; FELGUEIRAS, 2004), acentuando as parcerias entre pesquisadores e universidades brasileiras e estrangeiras.

Periódicos: dossiês e artigos

Entre os dossiês em periódicos gerais, a Revista *Educação e Pesquisa* publicou o dossiê *História, produção e memória do livro didático* (2004, v. 30, n. 3), coordenado por Circe Bittencourt, com cinco artigos: Alain Choppin, Antonia Fernandez, Carlota Boto, Kazumi Munakata e Circe Bittencourt²¹.

20 São eles: *As adaptações dos clássicos para crianças na primeira metade do século XX e a nacionalização do livro escolar no Brasil*, de Feijó (2005); *Opções pedagógicas e seleção de manuais escolares na região do Porto (sécs. XIX-XX)*, de Fernandes e Felgueiras (2004); *Manuais escolares e pesquisa em História*, de Galvão e Batista (2003); *Entre políticas de Estado e práticas escolares: uma história do livro didático no Brasil*, de Gatti Jr. (2005); *Pesquisa em História da Educação: Localização e seleção de livros didáticos de História republicanos (1889 a 2008)*, de Moreira (2011); quatro capítulos de Kazumi Munakata: *Histórias que os livros didáticos contam, depois que acabou a ditadura no Brasil* (1998, com várias reedições); *Não podemos fazer escolas sem livros: livro didático segundo Anísio Teixeira* (2000); *Devem os livros didáticos de história ser condenados?* (2009); e *Livro didático: produção e leituras* (2002). Por fim: *Patriotismo e trabalho: um breve estudo do livro didático na Era Vargas*, de Oliveira (2002).

21 Além desse dossiê específico sobre a história da educação, localizamos uma edição do *Caderno Cedes* dedicado ao Cotidiano do livro didático (1987, n. 18), coordenada por Nilda Alves, com seis artigos. E a publicação *Em Aberto*, veiculada pelo INEP, apresentou em 1996, na edição número 69, o número temático intitulado *Livro didático e qualidade de ensino*, coordenado por Marisa Lajolo, com dez artigos.

A Revista HISTEDBR apresentou a edição especial *Trabalho didático* (2010, v. 10, n. 37), organizado pelo Grupo de Trabalho de Mato Grosso do Sul (GT HISTEDBR/MS), com nove artigos sobre livro didático: Ana A. A. de Souza; Carla Villamaina Centeno; Enilda Fernandes e Iara Augusta da Silva; Sílvia H. A. de Brito; Maria A. Cavazotti; Lígia R. Klein e Bianca L. Klein; Sandino Hoff, Armindo J. Longhi e Maria A. Cardoso; Maria C. D. Pina; e a argentina María Cristina Vera de Flach. Além dessa edição a revista publicou mais 13 artigos, totalizando 22, entre 2009 e 2014.

A *Revista Brasileira de História da Educação* (RBHE) apresentou o dossiê: *Palavras viajeras: circulação do conhecimento pedagógico em manuais escolares (Brasil/Portugal, de meados do século XIX a meados do século XX)* (2013, v. 13, n. 3[33]), coordenado por Vera Valdemarim e Vera Gaspar da Silva. O dossiê apresentou três artigos que enfatizaram o livro didático, escritos por: Carlos Manique da Silva, Rosa Fátima Souza e Maria Tereza S. Cunha. Além do recente dossiê a RBHE publicou, durante os primeiros 14 anos de sua existência (2001-2014), 17 artigos que contemplam o livro didático. Ressaltamos, desse total, a existência de quatro estrangeiros: Hébrard (2002); Scharagrodsky, Manolakis e Barroso (2003); García (2009); e Carpentier (2010).

A *Revista Cadernos de História da Educação* (2014, v. 13, n. 2) publicou o dossiê *O ensino de História da Educação no espaço Luso-Brasileiro: percursos institucionais, currículos e manuais*, coordenado por Décio Gatti Júnior, com três artigos que se debruçam sobre obras didáticas: Betânia de O. L. Ribeiro e Sauloéber T. de Souza; Carlos Monarcha; e Décio Gatti Júnior. Além dos artigos que compõem o dossiê, a revista publicou mais nove artigos sobre livros didáticos, sendo um estrangeiro.

A *Revista História da Educação* não apresentou dossiê sobre o tema até o ano de 2014, mas desde o seu surgimento até então publicou 25 artigos, tendo o livro didático como fonte/objeto de investigação. Destacamos, desse total, três artigos do francês Allain Choppin (2002, 2008, 2009), além de mais três estrangeiros: Thérèse Hamel (2000), do Canadá; Verónica Sierra Blás (2004) e Carmen Sanchidrián Blanco (2008), ambas da Espanha.

Destacamos, do conjunto das investigações localizadas e apresentadas até aqui, a recorrência dos autores Gatti Jr. (1997, 2004a, 2004b, 2005, 2009, 2014a, 2014b); Munakata (1998, 2000, 2002, 2004, 2009, 2012); Allain Choppin (2002, 2004, 2008, 2009); Vivian Batista da Silva (2003, 2011, 2014); Moreira (2008, 2011a, 2011b, 2012); Tambara (2002, 2003a, 2003b); Bittencourt (2004, 2008); Centeno (2009, 2010) e Gasparello (2004, 2013).

Congressos da área

Localizamos nos cinco congressos brasileiros de História da Educação, realizados entre os anos 2000 e 2013, 107 artigos. Como procedimentos de localização, percorremos todos os Eixos Temáticos dos anais dos congressos disponíveis na íntegra na página da Sociedade Brasileira de História da Educação e buscamos pelos descritores: *Livro*, *Manual* e *Compêndio*. Separados por congresso, obtivemos: em 2000, sete artigos; em 2002, dez; em 2004, 15; em 2006, 13; em 2008, 32; em 2011, 15; e em 2013, 15. Tal constatação nos indica uma ascensão do tema nos primeiros anos do século XXI e uma permanência moderada a partir de 2011.

Quanto ao IX CIEHLA, utilizando a mesma metodologia de localização, identificamos 41 trabalhos na nona edição do evento, realizado no Rio de Janeiro, em 2009. Do total, quatro resultam de investigações originárias em outros países, sendo: dois da Colômbia: Cristhian James Díaz (2009) e Ruth Amanda Cortes Salcedo (2009); um da Argentina: Cinthia Wanschelbaum (2009); e um da Espanha: Luciana Oliveira Correia (2009). A grande maioria dessa produção, portanto, origina-se de pesquisas vinculadas às universidades brasileiras.

Sobre o X CIEHLA, realizado em 2012, em Salamanca-ES, apenas dois trabalhos discutem livros didáticos²². A escassez de trabalhos nesse evento específico se justifica porque a temática do congresso foi restrita: *Formación de elites y educación superior (s. XVI-XXI)*, limitando a entrada de pesquisas diversificadas.

Já o XI CIEHLA, em Toluca-México, em 2014, contou com 23 trabalhos sobre livros didáticos em seus Anais, dos quais 13 são de autores brasileiros, e os demais entre autores argentinos, mexicanos, colombianos e chilenos.

Seguindo os mesmos procedimentos e descritores anteriores, localizamos no IX COLUBHE, ocorrido em Lisboa-Portugal, em 2012, 45 comunicações, e no X COLUBHE, em Curitiba, em 2014, 50 comunicações. A grande maioria desses trabalhos é de autores brasileiros.

Dentre os três congressos selecionados, dois são internacionais, sendo um ibero-americano e outro luso-brasileiro. Desse modo, incluem-se nos trabalhos localizados, além de investigações feitas por pesquisadores brasileiros e no Brasil, trabalhos apresentados por pesquisadores de outros países. Fazendo uma seleção das comunicações produzidas por brasileiros, buscando, para tanto,

22 A saber: *La influencia del '68 en la escritura y producción de libros de texto de historia estatal*, de Montañez (2012) e *Investigaciones sobre libros didácticos en universidades brasileñas: métodos, temas y líneas de investigaciones entre 1980 y 2010*, de Moreira (2012).

a identificação da instituição dos autores, há, no caso do IX CIHELA, 37 trabalhos brasileiros de 41; no X CIHELA, um de dois; no XI CIHELA, 13 de 23; no IX COLUBHE, 36 de 45; no X COLUBHE todos são brasileiros. Isso representa, em todos os casos, a predominância de pesquisas feitas no Brasil, mesmo em congressos internacionais realizados fora do país. Somando-se aos trabalhos do CBHE, resultam 244 comunicações de pesquisadores brasileiros nos três congressos em questão.

Fazendo um balanço geral das terminologias mais usadas para definir livro didático nas pesquisas em história da educação localizadas, entre livros, capítulos, artigos e comunicações em anais, agrupamos o resultado em ordem decrescente:

Quadro 1 – Terminologias mais usadas nas pesquisas localizadas

Livro didático	49 %	Manual escolar	5%
Manual	13 %	Cartilha	2%
Livro	8%	Compêndio	1.5%
Livro escolar	7%	Didático	1%
Livro de leitura	6%	Texto escolar	1%
Manual didático	6%	Impresso	0.5%
TOTAL			100%

Fonte: Quadro realizado pela autora com base nos títulos das pesquisas localizadas²³.

Considerando 12 terminologias diferentes, constatamos que *livro didático* é a mais usada, representando quase 50% do total. Mas, como lembra Batista (1999, p. 535), “[...] o termo livro didático é usado – de modo pouco adequado – para cobrir uma gama muito variada de objetos portadores dos impressos que circulam na escola [...]”, o que também justifica essa variação lexical evidenciada no quadro antes apresentado.-

A segunda ocorrência é para o termo *manual* não seguido dos adjetivos escolar ou didático. Esse termo aparece, algumas vezes, seguido de um adjetivo similar, tal como *manual de ensino*, outras vezes, seguido da disciplina a que

23 No caso de títulos com mais de uma terminologia, tais como *livros, manuais, guias, cadernos metodológicos e propostas curriculares; Aprender a ler entre cartilhas: civilidade, civilização e civismo pelas lentes do livro didático*; “La educación física argentina en los manuales y textos escolares”, etc., contabilizamos todas as terminologias para a confecção do quadro.

se refere. No entanto, na maioria dos casos em que aparece o termo *manual*, objetiva indicar um livro de formação de professores, como *manual de pedagogia*, *manual pedagógico*, *manual de ensino do professor*, *manual da professora das escolas primárias*, etc. Tais elementos nos permitem afirmar, com base nesse balanço, que, no Brasil, a expressão *manual* é mais usada para indicar um livro de formação de professores, ao passo que *livro didático* e seus termos equivalentes são mais recorrentes para livro usado pelo aluno no contexto escolar²⁴.

Em terceiro lugar o termo *livro* separado do adjetivo *didático* aparece, algumas vezes, sucedido da disciplina escolar a que se refere, como *livro de Matemática* ou *livro de História*. Outras vezes, complementados com sua finalidade, como: *livro de uso escolar*, *livro para instrução* ou *livro para criança*. No entanto, não podemos garantir que todos os trabalhos localizados com a expressão *livro* no título, apesar de se inserir na perspectiva da história da educação, tendo em vista os sítios onde foram localizados esses trabalhos, sejam um livro considerado *didático*, ou seja, exclusivo de uso escolar²⁵.

Essa variação léxica também é semântica. Ao que sabemos, não há pesquisas no Brasil que se debruçaram sobre essa questão. Podemos inferir, com base em nossas investigações, que compêndio²⁶, por exemplo, era o termo mais usado na primeira metade do século XIX no Brasil, período em que eram destinados ao uso do professor no contexto escolar, enquanto que a partir do século XX, período em que esse material se destina ao uso também pelo aluno, o termo livro didático é mais usado, como demonstram as legislações já citadas.

Percebemos que as pesquisas mais recentes, a partir de 2011, utilizam mais o termo *manual* (60 ocorrências) e *livro* (37 ocorrências), desligados dos adjetivos didático ou escolar. Outra evidência nas pesquisas recentes é o surgimento do termo *didático* sem o antecedente *livro* e do *impresso* seguido de *escolar* ou *didático* para indicar o livro didático como objeto de pesquisa.

Apesar de tratar-se da menor recorrência, chama-nos atenção o uso do termo impresso, como forma de enfatizar a materialidade do objeto, considerando que “[...] não há texto fora do suporte que o dá a ler” (CHARTIER, 1998, p. 17).

24 Quase 1% dos 13%, no entanto, correspondem aos trabalhos em língua espanhola que usam a terminologia *manual escolar* em espanhol.

25 Mesmo porque, como expõe Michel (1990, p. 5), “[...] não é fácil de dizer se uma obra é ou não um livro escolar.” Por outro lado, para Choppin (2009, p. 27, grifo do autor), “[...] reservar a denominação de ‘livro escolar’ só para as obras que são utilizadas em estabelecimentos de ensino e/ou que são especificamente conhecidos com estas intenções, não tem sentido, historicamente.”

26 A palavra compêndio significa uma súpula dos conhecimentos relativos a uma dada área do saber, na forma de livro.

Segundo Paulilo (2012), tendo como base Anne Marie Chartier (2007), a ênfase da análise “[...] nos suportes materiais da produção e da circulação dos impressos e na materialidade das práticas e usos da leitura vem se tornando indispensável [...]” ao estudo dos livros didáticos. Tal afirmação pode ser constatada no tópico seguinte, que evidencia, por um lado, pesquisas interessadas em analisar os processos materiais de produção, circulação e apropriação desses objetos; por outro, as que procuram “[...] perceber as marcas dos usos prescritos para os destinatários visados [...]”, possibilitando compreender a função do livro didático no contexto escolar (PAULILO, 2012, p. 182).

Temas em torno do livro didático como fonte de pesquisas em história da educação

Para discutir sobre as temáticas abordadas nas pesquisas levantadas, compreendamos, inicialmente, as possibilidades de usos e definições do livro didático no contexto escolar, uma vez que cada um desses usos pode ser tomado pelo pesquisador, como um foco de pesquisa, porque, para além das funções de apresentar o conteúdo curricular de uma dada disciplina prevista no programa de ensino, conter a metodologia de ensino, repassar valores de uma determinada cultura e poder desenvolver o espírito crítico do aluno, como expõe o historiador Alain Choppin (2004), o livro didático está inserido nas políticas públicas educacionais, e, como argumenta Munakata (2012), a produção, circulação, distribuição e consumo desse objeto o identifica como mercadoria, destinada a um mercado específico, que é a escola.

O crescimento e ampliação das perspectivas analíticas das produções em história da educação no Brasil, como apontam Gonçalves Neto e Carvalho (2005, p. 183), com a inserção de novos objetos de análise, como o livro didático, propiciam estudos nas mais diversas vertentes, “[...] como a história das disciplinas, dos métodos de ensino, do disciplinamento e da higiene, do cotidiano escolar [...]”, etc.

Essa perspectiva se insere nas mudanças ancoradas nas inovações paradigmáticas a partir da década de 1970, que determinaram a transformação no modo de entender a história e desenvolver sua pesquisa científica, conduzida, segundo princípios metodológicos profundamente renovados (LE GOFF, 2003), dentre outros. Tais mudanças paradigmáticas ocasionaram transformações na produção das pesquisas em história da educação, a partir das contribuições da Nova História Cultural, com a inserção de novas categorias

de análise, tais como: representação, apropriação, cultura escolar, dentre outras (CATANI; FARIA FILHO; 2002; FARIA FILHO et al., 2004; dentre outros).

No caso específico do livro didático como fonte de pesquisa para a história da educação, “[...] essa renovação temática tinha como referência autores como Chervel, Goodson, Choppin e Chartier, que efetivavam desde os anos 1970, discussões sobre o currículo, as disciplinas escolares, a cultura escolar, a história cultural e a história do livro e da leitura.” (MUNAKATA, 2012, p. 183).

A seguir, apresentamos por bloco as temáticas mais recorrentes nas pesquisas levantadas, sem desconsiderar a existência da variedade e do entrecruzamento de recortes temáticos, analíticos e temporais com o livro didático como objeto cultural e mercadológico, o que dificulta a quantificação dos temas investigados.

Observamos um grupo de trabalhos que analisam o livro didático pela perspectiva da história do currículo/disciplina escolar (77). As disciplinas predominantes nas pesquisas localizadas foram, em ordem decrescente: História (20), Matemática/Geometria (15), História da Educação (14), Geografia/Chorografia (8), Português (4), Educação Física (2), Sociologia (2), e uma ocorrência para: Biologia, Ciências Físico-Químicas, Espanhol, Filosofia, Francês, História natural, Música, OSPB, Pedagogia, Psicologia educacional, e Religião.

As pesquisas que investigam livros didáticos de História, Geografia e Português; se justificam, muitas vezes, por tratarem de conteúdos disciplinares que apresentam uma carga ideológica ou social, contribuindo para discussões que se vinculam diretamente à questão da língua, do espaço e da história do território. Tais disciplinas escolares levam-nos a temáticas relacionadas à constituição da memória coletiva (o nacionalismo, o patriotismo, a República), numa perspectiva que busca o conteúdo ideológico ou sociológico no livro didático, ao mesmo tempo em que contribui para investigações em torno de temas emergentes, como a questão de gênero (feminino, mulher), o racismo (negro, escravidão, índio) e a criança/infância.

Essa recorrência investigativa se deve, conforme Choppin (2000, p. 17), a dois fatores: primeiro, os livros didáticos usados há tempos propiciam “[...] tanto aos partidários da igualdade de sexos ou do respeito às culturas minoritárias como aos defensores dos direitos humanos, uma provisão de referências familiares e uma centena de exemplos claramente compreensíveis [...]”; segundo, os livros didáticos permitem constituir um *corpus* limitado e claramente definido, bem como tratar de forma conjunta uma multidão de temas, e ainda “[...] proporcionam aos universitários um campo de trabalho cômodo para seus estudantes” (CHOPPIN, 2000, p. 17).

No caso da Matemática, a abrangência dessa disciplina nas pesquisas

corresponde ao fortalecimento de grupos de pesquisa sobre história do ensino de Matemática no país, como o grupo de pesquisa em História da Matemática e/ou suas Relações com a Educação Matemática (GPHM), no Departamento de Matemática da Unesp – Rio Claro²⁷; em História, Filosofia e Educação Matemática (HIFEM), na Unicamp²⁸; em História e Educação Matemática (HEDUMAT), da UFF²⁹, dentre outros, além de trabalhos publicados na *Revista Brasileira de História da Matemática*³⁰.

Ainda sobre as pesquisas que analisam o livro didático na perspectiva da história do currículo/disciplina escolar, entre os livros de formação de professores, mais comumente denominados manuais, nove entre as investigações localizadas, se dedicam aos manuais da disciplina História da Educação. Essa ênfase é percebida nos anais dos CBHE, e acreditamos que isso se deva ao eixo temático denominado *O ensino de História da Educação*, no CBHE, criado em 2004.

Um segundo bloco temático debruça-se sobre a história da leitura (22), tendo como objeto investigativo o livro de leitura (13), o livro didático (7) ou a cartilha (2). Essa perspectiva temática parece ter ganhado fôlego a partir das contribuições de Roger Chartier (1998, 2001) e Anne Marie Chartier (2007) e dedica-se às histórias das práticas de leitura. Como parte dessa abordagem, aparecem ainda os trabalhos que tratam da relação entre os livros e as bibliotecas, questionando sobre a guarda e os usos/leituras/empréstimos dos livros depositados.

Outro conteúdo que vem ganhando espaço nessas pesquisas refere-se ao conteúdo didático (8). Pesquisas interessadas no *trabalho didático*, nos *modos de ensino* e nas *práticas pedagógicas* têm utilizado o livro didático como fonte privilegiada, pois ele contém, além dos conteúdos disciplinares, atividades e exercícios considerados adequados para a assimilação de determinado conteúdo em determinada época. Por meio deles se podem avaliar finalidades educacionais e metodológicas, contribuindo, na impossibilidade da observação ou da entrevista, para a história das práticas escolares.

Registra-se, ainda, entre as investigações que analisam o conteúdo dos livros didáticos, a preocupação em pesquisar uma região ou estado do país, como os estados do Rio Grande do Sul (6), Mato Grosso (4), São Paulo (4), Maranhão (2), Mato Grosso do Sul (2), Paraíba (2), Rio de Janeiro (2), Sergipe (2), Paraná (1) e Bahia (1), com ênfase na distinção entre o local/regional e o nacional.

Além do conteúdo escrito, as investigações têm aberto espaço para analisar

27 Disponível em: <<http://www.rc.unesp.br/igce/matematica/gphm/>>. Acesso em: 13 dez. 2013.

28 Disponível em: <<http://www.fe.unicamp.br/hifem/html/apresentacao.html>>. Acesso em: 13 dez. 2013.

29 Disponível em: <<http://www.hedumat.uff.br/>>. Acesso em: 13 dez. 2013.

30 Disponível em: <<http://www.rbhm.org.br/index.htm>>. Acesso em: 13 dez. 2013.

o conteúdo imagético nos livros didáticos, tratados como novas possibilidades de fonte histórica, como, por exemplo, a análise das fotografias (3) e de imagens gerais e charges (4), abrindo espaço para a análise da cultura visual (função, forma e conteúdo), não só pela sensibilidade estética, mas pela leitura e consumo de imagens em cada época.

Passando para as questões em torno da produção do livro, como propõe Chartier (1990), ressaltamos que algumas investigações analisam a produção pela circulação, autoria e editoração de modo abrangente e outras se debruçam sobre um dos aspectos, com ênfase para o autor e/ou para a editora (9).

Como trabalhos que inauguram essa temática, citamos a tese de Bittencourt (1993, publicada em forma de livro em 2008) e a tese de Munakata (1997). A partir desses trabalhos surgem pesquisas interessadas nos processos de produção do livro didático, abarcando questões em torno da diversidade de sujeitos que atuam na produção do livro didático (editores, redatores, diagramadores, revisores, consultores, divulgadores, etc.). A editora Companhia Nacional se destaca entre os trabalhos que investigaram editoras de didáticos.

Outra temática diz respeito às políticas públicas, com ênfase para a seleção e avaliação dos livros didáticos, ao passo que outras especificam as políticas do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD, criado em 1985) e sua mediação entre editoras e consumidores, ou seja, professores e alunos das escolas públicas. Essa temática abrange o livro didático como objeto político e como mercadoria, considerando questões em torno da sua produção e distribuição. Dos trabalhos com essa temática (7), enfatizam-se Cassiano (2007) sobre o PNLD e Filgueiras (2011, 2012) sobre a CNLD.

Destacamos, por fim, os trabalhos atentos ao livro didático como fonte para pesquisas em história da educação, ora apresentando uma proposta investigativa que enfatize o livro didático como fonte (CORRÊA, 2000; GOMES, 2009; MOREIRA, 2008, 2011; PIROLA, 2008; ROCHA, 2008; SILVA, 2008)³¹, ora apresentando um balanço ou um mapeamento das pesquisas em história da educação que tiveram como fonte o livro didático (ALMEIDA FILHO, 2007; FERNANDES, SILVA, 2010; 2014; GALVÃO; BATISTA, 2003; MOREIRA, 2012; MUNAKATA, 2012; SILVA, 2011; STEINDEL; FELMAN; SILVA, 2014), constatando a abrangência das pesquisas nesse quesito.

31 Os trabalhos com data de 2008 são todos resultantes dos anais do CBHE, mais especificamente do eixo temático *Fontes e métodos em História da Educação*.

Referencial teórico-metodológico das pesquisas selecionadas

Parte significativa dos trabalhos analisados apresenta referencial teórico-metodológico ou na história das disciplinas ou na história do livro. Ambas provenientes da abertura de temas, abordagens e enfoques a partir da renovação historiográfica, mais precisamente, a partir da Nova História Cultural. No primeiro caso, sob a perspectiva da cultura escolar e das práticas, no segundo, da produção do livro didático (como produto comercial, textual e impresso) e da regulamentação pelas políticas públicas³².

O referencial teórico da história das disciplinas escolares utilizado no Brasil é predominantemente de origem francesa, tendo como autores de referência André Chervel (1990) e Dominique Julia (2001). Porém, é necessário destacar as contribuições de Ivor F. Goodson (1995), na Inglaterra, no mesmo período de Chervel, com a história social do currículo, indicando a necessidade de uma história das disciplinas escolares³³.

Viñao Frago (2008, p. 188) aponta, como uma das razões para o surgimento da história das disciplinas escolares, “[...] o desenvolvimento da história cultural e no âmbito historiográfico educativo, o interesse pela análise da cultura escolar.” Nesse sentido, o autor afirma que para alguns enfoques investigativos a história das disciplinas escolares constitui-se como “[...] o núcleo fundamental da cultura escolar”. De qualquer modo, significa olhar a escola como espaço de produção do saber, com práticas e culturas que lhe são específicas, e não como espaço de reprodução ou mera transposição de conhecimentos externos.

A instituição escola não se limita, pois, a produzir o que está fora dela, mas sim, o adapta, o transforma e cria um saber e uma cultura própria. Uma dessas produções ou criações próprias, resultado da mediação pedagógica em um campo de conhecimento, são as disciplinas escolares. (VIÑAO FRAGO, 2008, p. 189).

As disciplinas escolares são, portanto, entidades que usufruem de uma autonomia relativa no âmbito de uma cultura escolar, como criação da escola e

32 Apesar da autonomia desses referenciais, existe uma estreita relação entre eles. No entanto, trataremos cada um deles separadamente.

33 Anjos (2013) fala em quatro abordagens historiográficas possíveis para a história das disciplinas escolares: a anglo-saxônica, a francesa, a espanhola e a latino-americana.

não como mero resultado de um processo de reprodução (CHERVEL, 1998). As disciplinas surgem como um “[...] intervalo cultural em grande medida original [...]”, produzido pela escola ao longo do tempo (CHERVEL, 1998, p. 33). A história das disciplinas escolares, para o autor, “[...] destaca a plena liberdade de manobra da escola na escolha de sua pedagogia [...]”, bem como a liberdade teórica de criação disciplinar por parte do professor. Trata-se, portanto, de entender a complexidade da educação escolar, não redutível ao ensino explícito e programado (CHERVEL, 1998, p. 25). Sendo assim, é tarefa essencial do historiador das disciplinas o estudo dos ensinamentos efetivamente realizados. E nessa perspectiva, torna-se fundamental o conceito de cultura escolar (JULIA, 1995).

O livro didático aparece, por sua vez, como fonte privilegiada para investigar a cultura escolar, na perspectiva das disciplinas escolares (BITTENCOURT, 2003), uma vez que ele possibilita a análise de conteúdos e de práticas.

A mesma abertura propiciada pela Nova História Cultural, para o surgimento da história das disciplinas escolares, permitiu o fortalecimento das pesquisas sobre a história do livro. Darnton (1990) alerta que as investigações sobre a história dos livros se inicia na Inglaterra, no século XIX, mas é na França, a partir dos desdobramentos históricos para *novos objetos, novos problemas e novas abordagens*, que os estudos históricos sobre o livro ganham fôlego.

Mais precisamente, é posterior à obra de Roger Chartier, *A história cultural: entre práticas e representações* (tradução brasileira publicada em 1990), especialmente os capítulos 4 (*Textos, impressos, leituras*) e 5 (*Práticas e representações: leituras camponesas em França no século XVIII*), que as investigações sobre a história do livro começam a ampliar-se no Brasil, passando a considerar que o formato do impresso classifica o texto, sugerindo uma leitura, construindo um significado. Sendo assim, é necessário compreender a distinção entre texto e impresso, entre o trabalho da escrita e a fabricação do impresso. Daí o referencial para os estudos sobre a produção, circulação e usos do livro didático.

Além de compreender os procedimentos de fabricação do impresso, e de como os textos e os impressos organizam a leitura que deles deve ser feita, também se deve investigar as “[...] leituras efetivas, captadas nas confissões individuais ou reconstruídas à escala das comunidades de leitores” (CHARTIER, 1990, p. 124), o que estimula a história da leitura do livro didático, que também permite averiguar as práticas e culturas escolares de dada época.

Nessa perspectiva investigativa, deve-se considerar a abrangência de estudos sobre o livro didático que passam a considerar a noção de *representação* proposta por Chartier (1990) para se analisarem os usos dos textos e ideias que circulam em determinado tempo e lugar delimitado.

Os referenciais da história das disciplinas escolares, da história do livro e da leitura começam a ganhar espaço na historiografia educacional na década de 1990. No entanto, como podemos evidenciar nesse balanço, no Brasil, a produção acadêmica que tem o livro didático como fonte é bem recente, como demonstra a Tabela 1:

Quadro 2 – Abrangência temporal da produção acadêmica em histórica da educação com o livro didático

ANO	N.	ANO	N.
1957	1	2007	3
1994	1	2005	3
1996	1	2006	14
1997	1	2008	37
1998	2	2009	52
1999	2	2010	11
2000	9	2011	23
2002	16	2012	50
2003	8	2013	20
2004	30	2014	85
TOTAL		369	

Fonte: Elaborada pela autora

O ano de 1998 é o primeiro com mais de um trabalho, e o ano 2000 é o primeiro com nove ocorrências, reforçando a tese de tratar-se de uma temática recente. Destacamos que esse número crescente deve-se às comunicações apresentadas nos anais do CBHE (2000 e 2002). O número de 30 trabalhos em 2004, para além das 15 comunicações no CBHE, deve-se também aos 11 artigos em periódicos, três livros e um capítulo.

Em 2008, dos 37 trabalhos localizados, 32 foram comunicações em anais do CBHE; é o ano em que mais se apresentaram trabalhos envolvendo o livro didático.

Entre os 52 trabalhos datados de 2009, 41 são comunicações nos anais do IX CIHELA. Dos 50 de 2012, 45 são comunicações nos anais do IX COLUBHE. Dos 85 de 2014, 13 são do XI CIHELA e 50 do X COLUBHE.

Em síntese, 95% da produção concentra-se no século XXI, o que demonstra a atualidade da temática. Grande parte dessa concentração se deve ao surgimento da Sociedade Brasileira de História da Educação, com os CBHEs a partir do ano 2000, e o aumento da participação nos CIHELAs e nos COLUBHEs.

Parece-nos que a quantidade de trabalhos que apresentam o livro didático como fonte de pesquisa ainda é relativamente pequena. Lembramos, todavia, que muitos desses trabalhos podem não apresentar no título sua fonte/objeto.

Quanto ao período histórico mais investigado nas pesquisas, verificamos, em primeiro lugar, o período que corresponde à primeira República, entre final do século XIX e três primeiras décadas do século XX. Em segundo lugar, o século XIX, com destaque para a segunda metade do século. Em terceiro, a década de 1930, durante o governo de Getúlio Vargas. Na sequência, o período de 1950 a 1970 e depois de 1970 a 2013. Por último, o século XVIII, com destaque para o período pombalino.

Como ter acesso ao livro didático do século XVIII, XIX ou mesmo da primeira metade do século XX? Um grande desafio diz respeito à dificuldade de se localizar e acessar esse material, pois, como lembra Tiana Ferrer (2000), apesar da longa história do livro didático no campo educacional, esse material foi concebido como eminentemente instrumental, e não se produziram esforços sistemáticos para sua conservação. Como reitera Collados Carbona (2008, p. 325, tradução nossa), “[...] o trabalho com estes materiais frequentemente dispersos, e fisicamente muito vulneráveis, faz com que a simples localização e catalogação de exemplares consumam considerável energia nos trabalhos de campo.”

Felizmente, já existem alguns centros de documentação atentos à necessidade de conservação do livro didático como fonte para a história da educação. Exemplo disso é a Biblioteca e Banco de Dados de livros escolares brasileiros (Livres), na Universidade de São Paulo (USP), que agrega informações de outras bibliotecas³⁴.

34 A organização do Livres (Livros Escolares) se insere no projeto temático *Educação e Memória: organização de acervos de livros didáticos*, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), no Centro de Memória da Educação Escolar (CME), da FEUSP. O acervo da biblioteca Livres disponibiliza, por meio de seu Banco de Dados pela Internet, o acesso aos títulos das obras didáticas de diversas disciplinas escolares brasileiras de 1810 a 2005. Além da biblioteca de Livres na FEUSP, a busca também pode ser feita pela Biblioteca Paulo Bourroul; Biblioteca da FEUSP; Biblioteca Macedo Soares; Biblioteca Mário de Andrade – Obras Raras – SP; Biblioteca Colégio Pedro II – NUDOM; Biblioteca Nacional – RJ; Biblioteca da UFMG – CEALE; Biblioteca UNESP – Marília.

Entretanto, o acesso ao Banco de Dados Livres se restringe aos dados bibliográficos e de formatação dos livros didáticos. A consulta detalhada da obra e conteúdo deve ser feita presencialmente na própria biblioteca, anexa à biblioteca da Faculdade de Educação da USP, com agendamento. O acesso se torna, portanto, restrito, sendo inviável ao pesquisador que se encontra distante geograficamente, dessa biblioteca. Nesse caso, alternativas devem ser buscadas.

Nesse quesito, temos insistido veementemente na necessidade de investigações que têm o livro didático como fonte de pesquisa evidenciar detalhadamente seus procedimentos metodológicos de localização e acesso ao livro didático, o que muitas vezes tem sido desconsiderado, ou tratado de modo superficial, deixando a pesquisa incompleta e prejudicando a possibilidade de novos estudos a partir das fontes usadas, uma vez que o percurso de localização e acesso é negligenciado.

Considerações finais

De acordo com Choppin (2009), os historiadores são a primeira comunidade científica a se interessar, nos anos 1960, pelos antigos livros didáticos. No caso brasileiro, “[...] houve época em que estudar livro didático era vista como desvio de comportamento” (MUNAKATA, 2012, p. 193). E até os anos de 1980, “[...] realizar investigações científicas sobre livros didáticos era um verdadeiro tabu” (MUNAKATA, 2007, p. 2). Mas hoje, como observamos, existe uma proliferação de pesquisas sobre o tema no âmbito da história da educação, com diversas abordagens, o que nos permitiu apresentar um balanço dessa produção.

No que diz respeito aos temas abordados pelas pesquisas localizadas, destacou-se os que se dedicaram a tratar de: história de uma disciplina/currículo; história das práticas de leitura; questões didático-pedagógicas; processos de política/avaliação; mecanismos de produção e circulação; livro didático como fonte de pesquisa.

Como referenciais teórico-metodológicos de análise, o presente balanço constatou uma ênfase em torno da história das disciplinas escolares (CHERVEL, 1990, 1998) e da história do livro (CHARTIER, 1990, 1998, 2001; DARTON, 1990), o que evidencia uma influência de autores franceses nessas produções. As publicações de traduções de artigos franceses e de outros países nos periódicos brasileiros, bem como a presença de autores brasileiros em eventos fora do país demonstram o diálogo com o exterior.

O predomínio temporal de publicação das produções localiza-se entre o ano 2000 até o momento, evidenciando sua atualidade. No que se refere ao recorte temporal delimitado pelas pesquisas, em primeiro lugar está a primeira metade do século XX e, em último, o século XVIII.

Podemos concluir que a importância dos livros didáticos no sistema educacional tornou-se um campo de interesse de pesquisa para a história da educação, considerando que “[...] são os livros didáticos que estabelecem grande parte das condições materiais para o ensino e a aprendizagem nas salas de aula de muitos países através do mundo [...]” e que “[...] são os textos destes livros que frequentemente definem qual é a cultura legítima a ser transmitida [...]”, como afirma Apple (1995, p. 82). No entanto, esse mapeamento também evidencia a carência de grupos de trabalhos dedicados a escrever uma história geral da literatura escolar no Brasil. Ainda não dispomos de um censo dos livros didáticos produzidos no país, de inventários das obras disponíveis, da evolução dos marcos legislativo e regulamentário, das edições escolares, da sociologia dos autores, da evolução da estrutura produtiva, da análise de sua difusão e de sua recepção. Trata-se de um trabalho ainda por ser feito, mas que, considerando o apresentado aqui, possível de ser realizado.

Referências

- ALMEIDA FILHO, O. J. de. Historiografia, história da educação e pesquisas sobre o livro didático no Brasil. **Revista Saberes Interdisciplinares**, São Paulo, n. 1 v. 1, p. 17-45, 2007.
- ANJOS, J. J. T. dos. História das disciplinas escolares: quatro abordagens historiográficas. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 21, n. esp., p. 281-298, jan./jun., 2013.
- APPLE, M. W. Cultura e comércio do livro didático. In: APPLE, M. W. **Trabalho docente e textos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 81-105.
- BATISTA, A. A. Gomes. Um objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos. In: ABREU, M. (Org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado de Letras/ALB/FAPESP, 2000. p. 520-575.
- _____. **O texto escolar: uma história**. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2004.
- BITTENCOURT, C. M. F. Disciplinas escolares: história e pesquisa. In: OLIVEIRA, M. A. T.; RANZI, S. M. F. (Org.). **História das disciplinas escolares no Brasil: contribuições para o debate**. Bragança Paulista: EDUSEF, 2003.
- _____. Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810-1910). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, set./dez. p. 475-491, 2004.
- _____. **Livro didático e saber escolar, 1810-1910**. São Paulo: Autêntica, 2008.

BOTO, C. Aprender a ler entre cartilhas: civilidade, civilização e civismo pelas lentes do livro didático. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 493-511, 2004.

CATANI, D. B.; FARIA FILHO, L. M. de. Um lugar de produção e a produção de um lugar: a história e a historiografia divulgadas no GT História da Educação na Anped (1985-2000). **RBDE**, São Paulo, n. 19, jan./fev./mar./abr., 2002.

CASSIANO, C. C. F. **O mercado do livro didático no Brasil**: da criação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) à entrada do capital internacional espanhol (1985-2007). São Paulo, 2007. Tese (Doutorado em Educação)– Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade da Pontifícia Católica de São Paulo, (PUC-SP), 2007.

CHARTIER, R. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1998.

CHARTIER, R. (Org.). **Práticas de Leitura**. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

CHARTIER, A. M. **Práticas de leitura e escrita**: história e atualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

CHERVEL, A. História de las disciplinas escolares. Reflexiones sobre un campo de investigación. **Revista de Educación**, Madri- Espanha, n. 295, p. 59-111, 1990.

_____. **La culture scolaire**. Um approche historique. Paris: Belin, 1998.

CHOPPIN, A. Los manuales escolares de ayer a hoy: ejemplo de Francia. **Historia de la Educación. Revista Interuniversitaria**, Salamanca, n. 19, p. 13-37, 2000.

_____. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, set./dez., p. 549-566, 2004.

_____. O manual escolar: uma falsa evidência histórica. **História da Educação**, Pelotas, v. 13, n. 27, p. 9-75, 2009.

COLLADOS C. E. El concepto de dibujo y supráctica en los libros de texto de educación primaria publicados en España en el período comprendido entre 1915-1990. **Historia de la Educación, Revista Interuniversitaria**, Salamanca, n. 27, p. 323-346, 2008.

CORRÊA, R. L. T. O livro escolar como fonte de pesquisa em História da Educação. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 20, n. 52, 2000.

DARNTON, R. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

FARIA FILHO, L. M. et al. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação dá história da educação. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 30, n. 1, p. 139-159, jan./ abr., 2004.

FEIJÓ, M. As adaptações dos clássicos para crianças na primeira metade do século XX e a nacionalização do livro escolar no Brasil. In: ABREU, M.; SCHAPOCHNIK, N. **Cultura letrada no Brasil**: objetos e práticas. Campinas; São Paulo: Mercado das Letras, Associação de Leitores do Brasil; FAPESP, 2005.

FERNANDES, A. T. de C. Livros didáticos em dimensões materiais e simbólicas. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 531-545, 2004.

FERNANDES, R.; FELGUEIRAS, M. L. Opções pedagógicas e seleção de manuais escolares na região do Porto (sécs. XIX-XX), In: Menezes, M. C. (Org.). **Educação, Memória, História**: possibilidades, leituras. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

FILGUEIRAS, J. M. As avaliações dos livros didáticos na Comissão Nacional do Livro Didático: a conformação dos saberes escolares nos anos 1940. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 13, n. 2 [31], p. 159-192, 2012.

_____. **Os processos de avaliação de livros didáticos no Brasil** (1938-1984). 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação História, Política, Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

GALVÃO, A. M. de O.; BATISTA, A. G. Manuais escolares e pesquisa em História. In: VEIGA, Cintia. C.; FONSECA, Thais. N. de L. (Org.). **História e historiografia da Educação** no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GASPARELLO, A. **Construtores de identidades**: a pedagogia da nação nos livros didáticos da escola secundária brasileira. São Paulo: Iglu, 2004.

GATTI JR., D. **A escrita escolar da história**: livro didático e ensino no Brasil (1970-1990). Bauru: Edusc; Uberlândia: Edufu, 2004.

_____. Entre políticas de Estado e práticas escolares: uma história do livro didático no Brasil. In: STEPHANOU, M.; Bastos, M. H. C. (Org.). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 379-400.

_____. Lições de coisas: apontamentos acerca da geometria no manual de Norman Allison Calkins (Brasil, final do século XIX e início do XX). **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, v. 11, n. 2 [26], p. 53-80, 2011.

GOMES, M. M. Livros didáticos como fontes históricas para a compreensão de conhecimentos ecológicos na disciplina escolar ciências. In. CONGRESSO IBEROAMERICANO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO LATINO-AMERICANA, 9., 2009, Rio de Janeiro, 2009. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2009. p. 1-10.

GONÇALVES NETO, W.; CARVALHO, C. H. de, (2005). Tendências e perspectivas em história comparada no campo da educação. **Cadernos de História da Educação**, n. 4, jan./dez., 2005.

GOODSON, I. F. **Currículo**. Teoria e história. Petrópolis: Vozes, 1995.

HOLANDA, G. de. **Um quarto de século de programas e compêndios de História para o ensino secundário brasileiro (1931-1956)**. Rio de Janeiro: MEC/INEP, 1957.

JULIA, D. La culture scolaire comme objet historique. In: NÓVOA, A.; DEPAEPE, M.; JOHANNINGMEIER, E. V. (Ed.). **The colonial experience in education. Historical issues and perspectives**. Paedagogica Historica, supplementary series, v. I, p. 353-382, 1995.

_____. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, n. 1. jan.-jun., p. 9-43, 2001.

JOHNSEN, E. B. **Livros de texto em calidoscópio**. Barcelona: Pomares-Corredor, 1996.

LE GOFF, J. História. In: **História e Memória**. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp. 2003. p. 17-171.

LUCA, T. R. de. Livro didático e Estado: explorando possibilidades interpretativas. In: ROCHA, H. A. B.; REZNIK, L.; MAGALHÃES, M. de S. **A história na escola: autores, livros e leituras**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. p. 151-172.

MICHEL, I. Aspects of textbooks research. **Paradigm**, Bristol, n. 2, march 1990.

MOREIRA, K. H. Pesquisa em história da educação: localização e seleção de livros didáticos de história republicanos (1889 a 2008). CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 5., 2008, Aracaju. **Anais...** Aracaju: UFS, 2008.

_____. Pesquisa em História da Educação: Localização e seleção de livros didáticos de História republicanos (1889 a 2008). In: XAVIER, Libania;

TAMBARA, Elomar; PINHEIRO Antonio Carlos Ferreira (Org.). **História da Educação no Brasil**: matrizes interpretativas, abordagens e fontes predominantes na primeira década do século XXI. Vitória: Editora UFES / SBHE, 2011.

_____. ; SILVA, M. **Um inventário**: o livro didático de história em pesquisas (1980 a 2005). São Paulo, Ed. da Unesp, 2011.

_____. Livros didáticos como fonte de pesquisa: um mapeamento da produção acadêmica em História da Educação. **Revista Educação e Fronteiras**, Dourados, v. 2, p. 129-142, 2012.

MUNAKATA, K. Produzindo livros didáticos e paradidáticos. 1997. Tese (Doutorado em História e Filosofia da Educação)-. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

_____. Histórias que os livros didáticos contam, depois que acabou a ditadura no Brasil. In: FRETAS, M. C. de (Org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998. p. 271-296.

_____. “Não podemos fazer escolas sem livros”: livro didático segundo Anísio Teixeira. In: SMOLKA, A. L. B.; MENEZES, M. C. (Org.). **Anísio Teixeira, 1900-2000**: provocações em educação. Campinas: Autores Associados, 20002000.

_____. Brasil. In: OSSENBACH SAUTER, G.; SOMOZA, M. R. **Los manuales escolares como fuente para la historia de la educación en América Latina**. Madrid: Ediciones, UNED, 2001.

_____. Livro didático: produção e leituras. In: ABREU, M. **Leitura, História e História da leitura**. Campinas: Mercado das Letras, Associação de Leitores do Brasil; FAPESP, p. 577-594, 2002.

_____. Investigações acerca dos livros escolares no Brasil: das ideias à materialidade. In: CONGRESO IBEROAMERICANO DE HISTORIA DE LA EDUCACIÓN LATINOAMERICANA, 6., 2003, México, San Luis Potosí. **Anais....** San Luis Potosí, 2003.

_____. Dois manuais de história para professores: histórias de sua produção. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 513-529, 2004.

_____. Devem os livros didáticos de história ser condenados? In: ROCHA, H; MAGALHÃES, M.; CONTIJO, R. (Org.). **A escrita da história escolar**: memória e historiografia. Rio de Janeiro: FGV, v. 1, 2009. p. 281-292.

_____. O livro didático: alguns temas de pesquisa. **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, v. 12, n. 3 [30], p. 179-197, 2012.

OLIVEIRA, Â. M. de. Patriotismo e trabalho: um breve estudo do livro didático na Era Vargas. In: IOKOI, Z. M. G. **História e linguagem**. São Paulo: Humanitas, FELCH/USP, 2002. p. 139-152.

OLIVEIRA, M. M. D. de; FREITAS, I. Historiografia didática e prescrições estatais sobre conteúdos históricos em nível nacional (1931-2012). **Territórios e Fronteiras (Online)**. Cuiabá, v. 6, n. 3, dez. 2013.

OSSENBACH SAUTER, G.; SOMOZA, M. R. **Los manuales escolares como fuente para la historia de la educación en América Latina**. Madrid: Ediciones UNED, 2001.

PAULILO, A. L. Os manuais do professor como fonte de pesquisa. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 56, p. 181-206, jan./jun. 2012.

PIROLA, A. L. B. Livros didáticos no século XIX: fontes para a história da educação no Espírito Santo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. O ensino e a pesquisa em história da educação, 5., 2008, Aracaju. **Anais...** Aracaju: UFS, 2008.

PUELLES BEBÍTEZ, M de. Estudio preliminar: política, legislación y manuales escolares (1812-1939). In: VILLALAIN BENITO, J. L. **Manuales escolares em España**, Tomo I. Madrid: UNED, 2007.

ROCHA, C. A. O livro didático como fonte fundamental de pesquisa para a investigação do discurso eugênico na educação (1946-1970). CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 5., 2008, Aracaju. **Anais...** Aracaju: UFS, 2008.

SCHARAGRODSKY, P; MANOLAKIS L. BARROSO R. La educación física argentina en los manuales y textos escolares (1880-1930), Sobre los ejercicios físicos o acerca de cómo configurar cuerpos útiles, productivos, obedientes, dóciles, sanos y racionales. **Revista Brasileira de História da Educação**, São Paulo, n. 5, p. 69-92, jan/jun, 2003.

SILVA, J. R. da. Livro didático como documento histórico: possibilidades, questões e limites de abordagem. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, n. 5, jun. 2011.

SILVA, V. B. Os manuais pedagógicos e seus prefácios como fontes para a história da profissão docente e do campo educacional (Brasil e Portugal, 1870-1970). CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 5., 2008, Aracaju, **Anais...** Aracaju: UFS, 2008.

STEINDEL, G. E.; FELDMAN, D.; SILVA, K. K. da. Os desafios do livro didático como fonte de pesquisa, memória e história – em tempos da sociedade da informação. In: CONGRESSO LUSO BRASILEIRO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 10., 2014, Curitiba. **Anais...** Curitiba, PUC-PR, 2014.

TAMBARA, E.: PERES, E. (Org.). **Livros escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil** (séculos XIX-XX). Pelotas: Seiva, 2003.

_____. **Bosquejo de um ostensor do repertório de textos escolares utilizados no ensino primário e secundário no século XIX no Brasil**. Pelotas: Seiva, 2003.

TIANA FERRER, A. (Org.). **El libro escolar, reflejo de intenciones políticas e influencias pedagógicas**. Madrid: UNED, 2000.

VALDEMARIN, V. O manual didático “Práticas escolares”: um estudo sobre mudanças e permanências nas prescrições para a prática pedagógica. **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, n. 17, p. 13-40, maio/ago. 2008.

VIÑAO FRAGO, A. A história das disciplinas escolares. **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, v. 8, n. 3 [18], p. 173-214, 2008.

Recebimento em: 17/02/2015.

Aceite em: 08/01/2016.